



Agronegócio e futebol

Em 1958 o Brasil deixou de ser uma promessa ao vencer seu primeiro campeonato mundial de futebol. A frustração de ser vice em 1950, em casa, e a fraca campanha de 54, ficavam para trás. Garrincha e Didi brilhavam e o jovem Pelé surgia para o mundo.

Na agricultura, a década de 1950 marcou o início da modernização, em maquinário, e, principalmente,

em novas variedades de plantas melhoradas geneticamente, as plantas híbridas. O mundo buscava resolver o problema da fome através do aumento da produtividade nas lavouras. No Brasil, em 1958, o café era o produto mais exportado, seguido pelo algodão. 64% da população morava no campo.

Continua nas páginas 2, 3 e 4



Brasil comemora seu primeiro título mundial de futebol, em 1958, na Suécia

EDITORIAL

Um ano de fortes emoções

Em 2013, o agronegócio fechou com números positivos. Com exportações próxima a US\$ 100 bilhões de dólares e um superávit no comércio exterior de US\$ 82,91 bilhões, o agro novamente compensou o déficit dos demais setores da economia brasileira, de US\$ 80,35 bilhões. Quanto ao PIB, produto interno bruto, a CNA estima que fechará com um crescimento em torno de 3,5%, liderado pelo segmento da agropecuária.

Em 2014, o agronegócio será impactado por importantes acontecimentos no Brasil – como copa do mundo e eleições – e no mundo – retirada dos estímulos econômicos e debate sobre elevação da taxa de juros no EUA, ritmo de crescimento da China, aprofundamento das diferenças entre os blocos comerciais, como Aliança do Pacífico e Mercosul, entre outros. Vale então o acompanhamento, com muita atenção, dos desdobramentos políticos e dos indicadores econômicos, dentre eles, o câmbio, que além da esperada desvalorização, deverá apresentar bastante volatilidade.

Em meio a tantos eventos, não se pode deixar cair no esquecimento a legislação ambiental. O setor ainda

permanece no aguardo do Ato do Ministro de Estado do Meio Ambiente que estabelecerá a data a partir da qual o Cadastro Ambiental Rural será considerado implantado. Lembrando que o Novo Código Florestal data de 25 de maio de 2012 e o CAR do Estado de São Paulo foi lançado em 05 de junho de 2013. A aprovação da lei 12.651 foi apenas uma etapa vencida, mas os esforços para o seu cumprimento devem continuar ao longo da implantação do CAR e, posteriormente, do Programa de Regularização Ambiental, PRA.

Este ano promete fortes emoções. Para os grãos, há perspectiva de acomodação dos preços no cenário internacional e crescimento da safra brasileira; e para as cadeias de café e cana-de-açúcar, o cenário ainda permanece de dificuldade, com alguns sinais de melhora para a cana. Apesar disso, e da continuidade dos problemas estruturais que afetam o setor, o agronegócio promete, novamente, ter papel de destaque entre os setores da economia do Brasil.

Patricia Milan
Diretora Executiva da ABAG/RP

Os caminhos do agronegócio

Nos EUA começava a nascer a tecnologia que daria origem à revolução que marcou os anos 1960, a Revolução Verde, quando um pacote tecnológico: sementes modificadas e defensivos químicos, somados ao aumento da mecanização, diminuíram os custos e propiciaram o aumento da produção, principalmente de milho e trigo. A partir de 1962, o faminoso México passou a exportar trigo e as sementes desenvolvidas pelo agrônomo Norman Borlaug chegaram aos países mais pobres, amenizando a fome naquele momento. Neste mesmo ano o Brasil sagrou-se bicampeão mundial de futebol.

Em 1970, Norman Borlaug, em reconhecimento a seu trabalho pelo aumento da produtividade e diminuição da fome no mundo, recebeu o Prêmio Nobel da Paz, e o Brasil tornou-se o primeiro país tricampeão de futebol. Pelé se tornou rei e a agricultura brasileira passou a ter mais um produto na sua lista de produção: a soja aparece pela primeira vez nas estatísticas do IBGE. O país decidiu substituir a importação via industrialização e usou recursos da agricultura para bancar essa urbano-industrialização. Neste ano a população urbana já era maior que a rural, 56% dos brasileiros moravam nas cidades.

Nos 24 anos seguintes o futebol brasileiro não conquistou nenhum título mundial. Mas foram anos de conquistas para

a agricultura brasileira. A jovem Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, criada em 1973, revolucionou o país desenvolvendo tecnologias que transformaram a agricultura brasileira e possibilitaram a abertura do cerrado que mudou o padrão da produção de produtos como soja, milho e algodão. Os pesquisadores da Embrapa se somaram aos do Instituto Agronômico de Campinas, do Instituto Biológico e das universidades, e tantos outros,

para proporcionar ao país um novo padrão de tecnologia aplicada ao campo.

Em 1994 o Brasil conquistou seu quarto título mundial de futebol. A agricultura, que já

trilhava um caminho ascendente, viu naquele ano a queda da cotação de alguns produtos chegarem até a 40% devido ao Plano Real. O agricultor teve sua dívida multiplicada e, com os preços baixos dos alimentos, não conseguia arcar com o endividamento, rolava a dívida e contraiu mais empréstimos. Mesmo assim a agricultura foi a grande responsável pelo sucesso do Plano Real, sendo considerada



Foto divulgada pela Nasa, em 2011, registrando da Estação Espacial Internacional os campos irrigados do cerrado brasileiro. A ocupação do cerrado foi possível graças às pesquisas desenvolvidas pela Embrapa, a partir de meados dos anos 1970

a “âncora verde” que ajudou a segurar a inflação e a estabilizar a economia.

A soma de tecnologia e eficiência gerencial mu-



O inesquecível time de 1970

dou a cara da agricultura do Brasil. A partir de meados dos anos 1990, o país passa a entender o significado do termo agribusiness, aqui agronegócio: a “soma de todas as atividades antes, dentro e depois das porteiras das fazendas”. Em 2002, quando a seleção brasileira conquistou o penta campeonato mundial, o agronegócio brasileiro já jogava no time dos “grandes”.

Ócio e do futebol brasileiro



Agricultores da região de Orlandia - SP, visitam o Rio Grande do Sul para conhecer a novata soja, em 1969...

O grão amarelo é o atual camisa 10 da exportação brasileira



Entre copa conquistada em 1994 e a de 2002, passaram-se oito anos, tempo para o Brasil mais que dobrar sua produção de grãos, saltando de quase 60 milhões de toneladas colhidas para 123 milhões, enquanto a área de produção crescia muito pouco, de 38 para 40 milhões de hectares. Sinal claro da sustentabilidade do agronegócio.



O capitão Cafu levanta a taça em 2002

2014 - Copa do Mundo no Brasil

No futebol, segundo o ranking da Fifa, o Brasil já não está na ponta da tabela, mas aparece entre os 10 melhores do mundo, análogo ao agronegócio nacional, que há alguns anos está entre os melhores, figurando como campeão na produção e exportação de diversos produtos, como soja, café, carnes, açúcar e suco de laranja, por exemplo.

O setor entra neste ano de Copa do Mundo comemorando os bons resultados da safra passada e esperando mais para a que está em curso. As exportações em 2013 alcançaram a cifra de US\$ 99,97 bilhões, 4,3% a mais em relação a 2012, segundo os dados da Secretaria de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SRI/Mapa). Com importações de US\$ 17,06 bilhões, o saldo positivo da balança comercial ficou em US\$ 82,91 bilhões, enquanto o do Brasil foi positivo em apenas US\$ 2,56 bilhões. O complexo soja é a grande estrela desses números, sendo responsável por quase 1/3 das exportações. A produção de grãos, que bate recorde atrás de recorde, deve alcançar, em 2014, segundo a Conab, 196,6 milhões de toneladas. É time para vestir a camisa e beijar a bandeira, como fariam os torcedores de futebol.

Mas como toda grande equipe, o agronegócio também tem seus desafios a superar. Neste momento “pré-copa”, a infraestrutura é um dos temas que mais se discute no país. A dificuldade logística - com filas de carros e caminhões em ruas e estradas, além de aeroportos congestionados - é a grande questão: “imagina na Copa?”. Este é um tema que aproxima o futebol do agronegócio. A grande produção de grãos tem escancarado o problema das rodovias e portos do Brasil e deixa também a pergunta: “imagina no auge da safra?”.

O futebol e o agronegócio do Brasil são motivos de orgulho nacional. Os jogadores e os agricultores brasileiros batem um bolão. Os jogadores têm na retaguarda patrocinadores que garantem a tranquilidade e uma comissão técnica experiente e capaz de levar o Brasil ao hexa em 2014. Os agricultores vão com certeza bater seus recordes, isto apesar de “uma comissão técnica, representada pelas políticas públicas”, que muitas vezes esquece seu time no campo e o deixa jogar sozinho contra as incertezas do tempo, os desafios da logística, das negociações internacionais, das questões ambientais... O time vai bem sozinho, mas poderia ir muito melhor!

Futebol, algodão, couro & cia



*Até 1982, as bolas usadas nas copas do mundo eram feitas de couro.
Na sequência, as bolas oficiais das copas de 1930, 1950 e 1970*

O agronegócio já teve muito mais a ver com futebol do que hoje. Além da grama, fundamental para a disputa dos jogos, a agropecuária fornecia a matéria-prima para a fabricação dos produtos essenciais para que a partida acontecesse: chuteira, camisa, bola, calção e meias.

Em tempos de tecidos sintéticos, que absorvem o suor, a camisa verde amarela não é mais de algodão, como a camisa 10, na foto em destaque, com a qual Pelé conquistou o tri em 1970.

As chuteiras hoje são muito mais leves e tecnológicas do que as antigas, que eram feitas de couro com travas de ferro, que mais pareciam botas de jogar futebol. O formato atual é mais confortável e seguro, o couro tem um tratamento diferenciado e é forrado com tecido especial, e as travas são de alumínio.

As bolas também já foram mais agro. Hoje são sintéticas, mas até 1982 todas as bolas oficiais das Copas do Mundo eram feitas de couro. Em 1930, na primeira edição do Mundial, a bola tinha uma abertura para entrada da câmara de ar, de borracha, e era fechada com cadarço, de algodão. Era difícil de cabecear, o cadarço machucava, e por isso os jogadores usavam faixas ou toucas. Além disso, quando molhada, ela praticamente dobrava de peso.

A evolução demo-

rou um pouco. Depois da Segunda Grande Guerra, as bolas utilizadas nos campeonatos já não tinham mais a costura externa. A da Copa de 1970 teve, pela primeira vez, as cores preto e branco, que viriam a se tornar padrão.

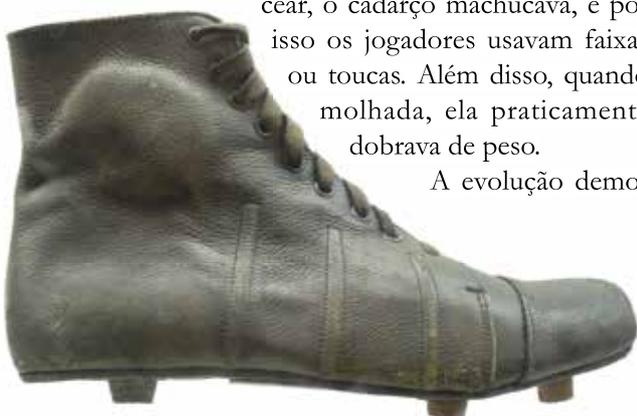
Foi em 1978, na Argentina, que a bola ganhou um novo design. As cores eram as mesmas, mas o desenho sobre os gomos eram 12 círculos para preencher a circunferência. Em 1982, na Espanha, foi usada a última bola de couro em Copas do Mundo.

A colorida e sintética Brazuca será a bola oficial usada no Brasil, com uma estrutura totalmente inovadora, simétrica, com seis painéis idênticos, que os criadores garantem proporcionar melhor aderência, toque, estabilidade e aerodinâmica no gramado. Essa foi a bola mais testada da história, cerca de 600 jogadores a avaliaram por quase três anos.

De couro ou não, a bola será uma das donas do espetáculo e tem que rolar sobre um gramado impecável para que os craques façam sua parte e encham as torcidas de orgulho, assim como o agronegócio orgulha o Brasil. Dentro ou fora do gramado, todo mundo está ligado a ele, seja torcedor, técnico, atleta, dirigente (...) todos que amam, ou não, o futebol, devem reconhecer que se locomovem, alimentam, vestem, tem energia para jogar... por causa do agronegócio, por causa da agricultura.



Camisa de algodão usada por Pelé na Copa de 70, exposta no Museu do Futebol



As chuteiras ainda são feitas de couro, mas o formato e a tecnologia atuais são mais confortáveis para os jogadores